

JOHN LUKACS

JUNHO DE 1941
Hitler e Stálin

Tradução:
CARLOS ALBERTO MEDEIROS



ZAHAR

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Este livro é dedicado a Robert Ferrel

Título original:

June 1941: Hitler and Stalin

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana,
publicada em 2006 por Yale University Press,
de New Haven, EUA, e Londres, Inglaterra

Copyright © 2006, John Lukacs

Copyright da edição brasileira © 2007:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

Ilustração da capa: Hitler, DC © Corbis/Latinstock

Stalin, DC © Bettmann/Corbis/Latinstock

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Lukacs, John, 1924-

L98j Junho de 1941: Hitler e Stálin / John Lukacs; tradução, Carlos
Alberto Medeiros. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

Tradução de: June 1941: Hitler and Stalin

Apêndice: O mistério da “Carta” de Hitler e o Plano Mensageiro

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7110-986-5

1. Hitler, Adolf, 1889-1945. 2. Stalin, Josef, 1879-1953. 3. Guerra
Mundial, 1939-1945 – Campanhas – Rússia. 4. Guerra Mundial,
1939-1945 – Rússia. 5. Guerra Mundial, 1939-1945 – Alemanha. I.
Título. II. Título: Hitler e Stálin.

07-0888

CDD: 940.54217

CDU: 94(100)*1939/1945

SUMÁRIO

1 UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA, 7

parte I HITLER E STÁLIN

2 HITLER, 13

3 STÁLIN, 41

parte II O 22 DE JUNHO

4 BERLIM, 77

5 MOSCOU, 83

6 LONDRES, 87

7 WASHINGTON – E AO REDOR DO MUNDO, 93

parte III CONSEQÜÊNCIAS INDESEJADAS

8 A CRISE IMEDIATA, 101

9 CONSEQÜÊNCIAS INDESEJADAS, 111

Apêndice: O MISTÉRIO DA “CARTA” DE HITLER
E O PLANO MENSAGEIRO, 125

Notas, 135

Documentos, livros e artigos consultados, 151

Limitações e agradecimentos, 157

Índice onomástico, 159



Mais de uma dúzia de livros e um número muito maior de artigos agora contêm textos e listas de documentos secretos, e às vezes não, expedidos de Moscou durante os dois últimos meses antes da invasão alemã. Muitas dessas informações foram citadas por vários escritores, historiadores, arquivistas, romancistas e amadores, assim como acadêmicos, nas duas últimas décadas, devido à disponibilidade parcial (e evidentemente incompleta) dos arquivos russos.²⁹ Muitos desses relatórios são tão reveladores, dramáticos e chocantes (especialmente em retrospecto) que pode ser suficiente apresentá-los aqui de forma resumida, principalmente segundo suas procedências e fontes.³⁰

Eles provêm, em primeiro lugar, de estadistas, de líderes de outras grandes potências. Em 17 de abril, Churchill, impaciente, escreveu uma longa mensagem a Stálin, informando-lhe o que a inteligência britânica sabia da concentração militar alemã contra a Rússia. Como Cripps, seu embaixador, pareceu atrasar deliberadamente a entrega dessa importante mensagem a Molotov e Stálin, Churchill ficou furioso. Não devia: sua carta não fez diferença. Stálin foi em frente, acreditando em Hitler. Um mês antes, em 20 de março, Roosevelt mandou seu subsecretário de Estado Summer Welles, um homem altamente inteligente, chamar o embaixador soviético Konstantin Umansky e lhe dar informações sobre a concentração de tropas alemãs na Polônia.

Em 15 de abril, o embaixador norte-americano em Moscou, Laurence Steinhardt, disse quase a mesma coisa a Lozovsky no Ministério das Relações Exteriores russo. O comentário de Stálin foi que esses avisos não passavam de uma tentativa dos anglo-americanos de provocar uma guerra entre Alemanha e Rússia, com a qual Londres e Washington se beneficiariam. (Cripps, o embaixador britânico, desconcertado com o comportamento dos russos, voltou de avião para Londres, via Estocolmo, 12 dias antes de 22 de junho; e só retornou a Moscou depois do dia 25.) O embaixador russo em Londres, Ivan Maisky, que tivera boas relações com Churchill, agora tinha medo de Stálin e portanto era evasivo e inútil. No dia 10 de junho, Churchill mandou que Alexander Cadogan, subsecretário permanente do Departamento de Relações Exteriores, chamasse Maisky. Cadogan disse a Maisky que se sentasse e pegasse lápis e papel. “Sob a instrução do governo de Sua Majestade”, leu item por item o que a inteligência britânica sabia sobre a futura invasão alemã: “O primeiro-ministro pede-lhe que comunique urgentemente todos esses dados ao governo soviético”. Não surtiu efeito. Da longínqua China veio um relatório de Chiang Kai-Shek, apontando a data do ataque alemão para 21 de junho.

Quase sem exceção, os embaixadores e ministros russos nas várias capitais do mundo estavam relutantes – ou mais precisamente temerosos³¹ – em dizer a Stálin aquilo que ele, de modo cada vez mais óbvio, não queria ouvir. Esse tipo de subserviência semi-oriental ao grande *khan* ou czar teve um efeito bastante prejudicial sobre a pilha de relatórios, freqüentemente muito precisos, dos agentes que trabalhavam no estrangeiro para a inteligência militar russa. Stálin demitiu o fiel e por vezes sincero chefe da inteligência militar em julho de 1940 (Ivan I. Proskurov depois foi preso e morto a tiros) e o substituiu por Filipp I. Golikov, que, quase até o dia da invasão alemã, concordava com

ele, ou ao menos parecia que concordava. Um relatório de um agente tcheco, já no início de abril, apontava uma invasão alemã em meados de junho. Stálin escreveu uma nota à margem: “Provocador inglês! Investiguem!” E essa foi apenas uma das fontes cujas informações coincidiam quase exatamente com as repetidas mensagens enviadas de Tóquio pelo posteriormente tão famoso Richard Sorge: “A Alemanha começará uma guerra com a União Soviética em meados de junho” (em 5 de maio). “Repito, nove exércitos e 150 divisões iniciarão uma ofensiva no amanhecer de 22 de junho” (em 13 de junho). Stálin demitiu Sorge: um João-ninguém, “um homenzinho”.³²

Outro mecanismo de inteligência era o da polícia secreta do Estado (a NKVD, chefiada por Beria), freqüentemente menos confiável que a inteligência militar, e depreciada em função da fragilidade de seu quadro. O principal agente designado para a embaixada em Berlim após o pacto Hitler-Stálin, A.Z. Kobulov, não era apenas estúpido, mas se baseava em falsas informações fornecidas por um agente duplo alemão. Mesmo assim havia muitas evidências provenientes de outras fontes – por exemplo, de um implacável adversário de Hitler no Ministério da Aeronáutica alemão,³³ que fazia vazsar informações para um diplomata norte-americano em Berlim (Sam E. Woods) por meio de um de seus amigos. O chefe da operação de inteligência da polícia secreta no estrangeiro, Pavel Fitin, não era bobo. Ele se sentiu compelido a enviar um importante relatório de uma dessas fontes alemãs de primeira linha a Merkulov, comissário de segurança do Estado, que o colocou sobre a mesa de Stálin. “Todas as preparações da Alemanha para um ataque armado à União Soviética foram completadas; pode-se esperar o ataque a qualquer momento.” Stálin escreveu à margem: “Camarada Merkulov, pode mandar sua ‘fonte’ do quartel-general da aviação alemã para a ----ta da mãe dele. Não se trata de uma fonte, mas de um *dezinformator*.”³⁴

Ele escreveu isso em 17 de junho, uma terça-feira, menos de cinco dias antes da invasão de Hitler ter início.

Esse tipo de evidência, sobre a condenável falta de disposição de Stálin para ouvir, é impressionante. Entretanto devemos ter em mente que a inteligência da polícia secreta inclui centenas de indícios sugestivos, que implicavam intenções em vez de ações. Mas no caso havia uma quantidade de provas cada vez maior, não apenas de intenções, mas de ações. Havia cerca de 1,5 mil quilômetro de fronteiras entre a União Soviética, a Alemanha e os aliados desta na Prússia oriental, Polônia, Hungria e Romênia. Poucas semanas antes de junho, as comissões conjuntas da fronteira germano-soviética haviam pesquisado e assinalado as linhas exatas que separavam os dois países, especialmente onde a fronteira não era demarcada por um rio. Do outro lado das planícies niveladas, verdes e melancólicas da Polônia, era impossível esconder ou mesmo disfarçar o que estava ocorrendo do lado alemão, onde se acumulavam grandes quantidades de soldados e muitos milhares de engenhos militares. Além disso, como acontece em quase toda fronteira, ainda que vigiada, havia sempre, por diversos motivos, uma pequena quantidade de homens e mulheres se infiltrando através dela, alguns dos quais eram agentes e sabotadores. A agência especial soviética de Tropas da Fronteira relatava a prisão de pessoas suspeitas: seus números multiplicaram-se por cinco ou seis nos primeiros meses de 1941. Em meados de junho, houve provas diretas de que sabotadores atravessavam a fronteira para causar estragos em linhas férreas da Bielo-Rússia e da Ucrânia. Em 16 de junho, apareceu o primeiro desertor de uma unidade do Exército alemão – mas seu testemunho foi desacreditado.

Mais revelador ainda é o caso dos vôos de reconhecimento realizados pelos alemães, violações óbvias do princípio soviético de soberania do Estado, tão rigidamente observado em

outras circunstâncias. Já em março de 1940, Stálin mandou Beria expedir uma ordem: “Em caso de violações da fronteira germano-soviética por aviões ou balões alemães, não abram fogo.”³⁵ E também: em caso de violações da fronteira, “tome-se todo o cuidado para que as balas não atinjam o território alemão”. Em março e abril de 1941, a Alemanha realizou tantos vôos de reconhecimento que alguns protestos diplomáticos ansiosos e cuidadosamente redigidos foram apresentados a autoridades germânicas em Berlim e Moscou. Mas eles não tinham importância, pois Stálin ordenara que não houvesse interferência nem fogo antiaéreo contra aviões militares alemães, não importando o quanto tivessem penetrado em território soviético. Em essência, ele deu carta-branca ao reconhecimento aéreo alemão.³⁶ “Não abram fogo!” O resultado foi o desastre: em 22 de junho, a Luftwaffe destruiu quase metade da força aérea russa, os aviões estacionados nos campos de pouso ou nos hangares.

Às 19h de 13 de junho, uma sexta-feira, os megafones das pequenas e grandes cidades da União Soviética trovejaram o texto de um comunicado oficial (da Tass). Mais ou menos uma hora depois, o próprio Molotov chamou o embaixador alemão e lhe entregou o texto. Na manhã seguinte, todos os jornais diários da União Soviética receberam ordem de publicá-lo em suas primeiras páginas:

Antes mesmo do retorno a Londres do embaixador inglês Cripps, mas especialmente depois disso, tem havido na imprensa inglesa e estrangeira rumores generalizados de “uma guerra iminente entre a URSS e a Alemanha”. Esses rumores alegam:

1. Que a Alemanha supostamente tem feito várias exigências territoriais e econômicas à URSS e que neste momento são iminentes as negociações entre os dois países para a conclusão de um novo acordo, mais estrito;

2. Que a União Soviética supostamente recusou essas exigências e, em resultado disso, a Alemanha começou a concentrar tropas na fronteira da URSS com o objetivo de atacar este país;

3. Que, de sua parte, a União Soviética supostamente começou a realizar intensos preparativos para a guerra contra a Alemanha e a concentrar tropas na fronteira com aquele país.

Apesar do caráter obviamente absurdo desses rumores, círculos responsáveis em Moscou consideraram necessário, em vista da persistente difusão dos mesmos, autorizar a Tass a investigar se eles são uma canhestra manobra de propaganda das forças reunidas contra a União Soviética e a Alemanha, interessadas na difusão e intensificação da guerra.

A Tass declara que:

1. A Alemanha não fez exigências à União Soviética nem solicitou nenhum acordo mais estrito, e portanto não podem estar ocorrendo negociações;

2. Segundo evidências de posse da União Soviética, tanto esta quanto a Alemanha estão cumprindo ao pé da letra os termos do Pacto Germano-Soviético de Não-Agressão, de modo que, na opinião dos círculos soviéticos, os rumores sobre a intenção da Alemanha de romper o pacto e lançar um ataque à URSS são completamente destituídos de fundamento, enquanto as recentes movimentações de tropas alemãs, que concluíram suas operações nos Bálcãs, em direção às partes Leste e Norte da Alemanha, devem ser explicadas por outros motivos, sem ligação com as relações germano-soviéticas;

3. A União Soviética, de acordo com sua política de paz, tem cumprido e pretende cumprir os termos do Pacto Germano-Soviético de Não-Agressão; em resultado disso, todos os rumores segundo os quais a União Soviética está se preparando para uma guerra com a Alemanha são falsos e provocadores;

4. A convocação de verão dos reservistas do Exército Vermelho, que está sendo realizada agora, e as iminentes manobras nada significam senão o treinamento destes militares e a verificação de operações do sistema ferroviário, que, como se sabe, acontece a cada ano; conseqüentemente, parece no mínimo sem sentido interpretar essas medidas do Exército Vermelho como uma ação hostil à Alemanha.³⁷

O uso da expressão “círculos responsáveis” denota uma prova circunstancial de que uma grande parte desse texto foi escrita pelo próprio Stálin. O que mais foi isso senão uma repetição daquela cena de dois meses antes na estação ferroviária de Moscou? E, no entanto, as coisas já não eram as mesmas: o Exército do Terceiro Reich estava se preparando; aviões alemães, incólumes, faziam vôos de todo tipo sobre aeródromos russos; e Hitler agora permitia que seus supostos aliados, finlandeses, romenos e húngaros, fossem informados de que era iminente uma guerra da Alemanha contra a União Soviética.

Mais três dias e três noites se passaram. Não houve absolutamente nenhuma reação de Berlim, nem mesmo uma confirmação de recebimento daquele abjeto “comunicado” de Moscou.³⁸ Stálin permaneceu impassível.³⁹ Advertências e relatórios apareciam agora em grande quantidade. Os generais Timoshenko e Zhukov tentaram impressionar Stálin, mas em vão. Voltaram a apresentar seu argumento várias vezes, uma delas em 18 de junho, no gabinete de Stálin, com a presença de membros do Politburo. Stálin chegou a gritar com Zhukov: “Você vem nos assustar com a guerra, ou será que você quer a guerra porque não tem um número de medalhas suficiente? Se você provocar os alemães na fronteira deslocando tropas para lá sem nossa permissão, cabeças rolarão, guarde minhas palavras!” Stálin bateu a porta com força.⁴⁰

Era natural que a Alemanha tentasse enganar o mundo e, evidentemente, a Rússia, tanto quanto possível. Um esquema inteligente foi preparado por Goebbels, que, em 15 de junho (o dia seguinte ao comunicado da Tass), ordenou e tornou amplamente conhecido o confisco de uma edição de um jornal alemão que publicara um artigo sugerindo uma futura invasão da Inglaterra por pára-quedistas germânicos. O objetivo era insinuar a potencial iminência de tal acontecimento. Hitler concor-

dou com esse embuste. Nós já vimos, no entanto, que ele pouco fez para ocultar suas reais intenções. Enquanto isso, a imprensa alemã começou a publicar ocasionais artigos anti-soviéticos. Em 14 de junho, Goebbels escreveu em seu diário: “Os russos estão hipnotizados por nós e estão com medo. ... Os russos não parecem suspeitar de nada. Em todo caso, seus arranjos militares são exatamente como desejaríamos que fossem: densamente aglomerados, fáceis de [cercar e] capturar.”⁴¹

Podemos ter certeza de uma coisa: da consistente desconfiança de Stálin em relação aos ingleses. Ele os via como imperialistas e capitalistas prototípicos, piores que os alemães, aos quais respeitava. Sabia muito menos sobre a Inglaterra e os ingleses do que sobre a Alemanha e os alemães (como também era o caso de muitos outros membros da hierarquia comunista de Moscou). Também acreditava (evidentemente sem motivo) que era do interesse dos britânicos que houvesse uma guerra entre o Terceiro Reich e a União Soviética – e de fato era do interesse deles provocá-la. Hitler também sabia disso – mas não precisava de uma provocação britânica para atacar e esmagar a Rússia. Vimos que, já em 18 de junho, Stálin atribuiu a maioria dos relatórios sobre um iminente ataque alemão, se não todos eles, a provocações dos ingleses (ou norte-americanos). Em 19 de junho, no entanto, quinta-feira, ele não podia mais negar a possibilidade do que estava por vir. Houve um verdadeiro enxame de vôos de reconhecimento alemães além das fronteiras ocidentais. Os relatórios chegavam, um após o outro. Sobre esse momento, a agenda de Stálin pode ser de algum interesse. Ele passou todas essas noites e alguns desses dias em sua dacha* em Kuntsevo, nos arredores de Moscou (embora não distante, ficava a menos de meia hora do Kremlin num carro rápido). Nor-

* Casa russa de verão. (N.E.)

malmente, chegava ao gabinete no Kremlin no início da tarde, lá permanecendo e trabalhando até a alta madrugada. Tarde da noite naquela quinta-feira, ele finalmente assinou a ordem de esconder e camuflar os aviões e campos de pouso. (Foi muito pouco e muito tarde.) Naquele dia, chegou outro relatório de um agente na Alemanha, informando que o ataque começaria no domingo. Não foi mostrado a Stálin. Um artigo no *Pravda* atacou o – temporariamente ausente – embaixador britânico: “O Pacto Russo-Germânico permanece firme, intacto.”⁴² Nessa noite e na sexta-feira, navios alemães, muitos deles descarregados, começaram a levantar âncora em portos soviéticos, retirando-se em direção à Alemanha. Nos portos finlandeses, atracaram 15 navios alemães, e 10 mil soldados germânicos, segundo relatos, foram transportados do Norte da Noruega para a Finlândia.

Sábado, 21 de junho, foi um dia extraordinariamente quente. O povo de Moscou prosseguia em seus afazeres cotidianos. O *Rigoletto* e a *Traviatta* estavam na programação das casas de ópera. Centenas de quilômetros a Oeste, por toda a longa fronteira, havia um ruído de movimento. Um outro desertor alemão, que tinha atravessado a nado um dos rios da fronteira, avisou que o ataque começaria no amanhecer. No dia mais longo do ano, o sol brilhava até tarde da noite. Em algum momento depois das 18h, naquela tarde de verão implacavelmente radiosa, Molotov e outros membros do Politburo se reuniram no apartamento de Stálin no Kremlin.

Ficaram juntos, sentados, por mais cinco ou seis horas (há alguma confusão quanto ao tempo exato em suas várias memórias). Enquanto isso, os primeiros sinais da guerra chegavam. Por volta das 21h, Molotov deixou o apartamento de Stálin, de onde se ausentou por mais ou menos uma hora, indo até o seu gabinete, que ficava a 15 minutos dali. Pois ele e Stálin haviam

concordado – finalmente – em protestar aos alemães sobre a crescente quantidade de vôos germânicos no espaço aéreo russo. Esse foi o primeiro protesto de Moscou endereçado a Berlim em várias semanas. Houve mais que isso. Em Berlim, Dekanozov recebeu ordem de continuar ligando para o Ministério das Relações Exteriores alemão, mas foi praticamente em vão – seus colegas alemães restringiram a conversa a questões de visto. Então lhe disseram que procurasse Ribbentrop, mas em vez disso foi encaminhado ao seu subsecretário, Ernst von Weizsaecker, a quem entregou a mesma nota de protesto diplomático que Molotov apresentara a Schulenburg no Kremlin. “herr Dekanozov tentou prolongar um pouco a conversa”, mas Weizsaecker lhe disse: “Agora não.” Em Moscou, Molotov disse mais. “Havia uma série de indicações de que o governo alemão estava insatisfeito com o governo soviético.” Chegavam a ser correntes os rumores da iminência de uma guerra entre Alemanha e União Soviética. “Mas por quê? [herr Molotov] gostaria que eu lhe dissesse o que tinha provocado a atual situação nas relações germano-soviéticas.”⁴³ Schulenburg replicou que não podia responder a pergunta de Molotov, mas transmitiria a comunicação a Berlim. De volta à embaixada alemã, Schulenburg (que pensamentos sombrios devem ter passado por sua mente) rascunhou um resumo de sua conversa com Molotov e o telegrafou para Berlim. A chegada da mensagem foi registrada às 2h30 da manhã de 22 de junho – 45 minutos antes de ter início a invasão do Império russo.

Após o relato de outro desertor alemão (que, entre outras coisas, disse aos guardas de fronteira russos que sua unidade recebera ordens de se preparar para cruzar o rio Bug e entrar no território soviético nas próximas horas), Stálin ainda recomendou cautela. Disse que os alemães poderiam ter mandado esse homem para provocá-los. Mas então convocou os generais Timoshenko e

Zhukov ao seu gabinete. Eles e outros membros do Politburo começaram a pressionar Stálin para que ordenasse um alerta militar geral. Notícias mais alarmantes chegavam sobre sabotadores do lado russo da fronteira cortando fios de telefones e de telégrafos militares. Do outro lado da fronteira, os alemães erguiam cercas de arame farpado e juntavam barcos e barcaças prontos a cruzar os rios à sua frente. Finalmente – muito tarde, sob a insistência dos generais –, Stálin e os outros concordaram em expedir uma ordem geral: “Alerta máximo... Um ataque de surpresa dos alemães em 22-23 de junho é possível... O ataque pode começar com ações de provocação. A tarefa de nossas tropas é não reagir a quaisquer ações de provocação capazes de resultar em complicações sérias.” (A ordem levou pelo menos mais três horas para atingir os postos de comando – o que novamente foi muito tarde). A linguagem ambígua dessas instruções refletia a ambivalência do próprio Stálin. Por volta das 10h, pela primeira vez, ele deixou escapar uma observação: sim, talvez a guerra comece amanhã. Segundo alguns relatos, todos ou quase todos os membros do Politburo deixaram o Kremlin junto com Stálin por volta das 23h, todos dirigiram-se à sua dacha em Kuntsevo. Segundo Mikoyan, Stálin ainda “continuou nos garantindo que Hitler não começaria a guerra”.⁴⁴ Segundo Molotov, pode ser que eles tenham assistido a um filme – o que faziam com frequência – até pouco antes das 2h da manhã. De qualquer forma, Stálin foi para a cama quando eles saíram, por volta das duas, na hora mais escura daquela que era (e seria para ele) a noite mais curta do ano.